

Lembranças daqueles anos de fartura

Rosa Bastos

Há dez anos, nas vésperas do Ano Novo, José Gualberto Pinto lembra muito bem, vivia com fartura numa terra arrendada em Jardinópolis, interior de São Paulo. Trabalhava muito para sustentar os filhos que hoje chegam a 21 mas tinha carroça, animal e até trator. Era mesmo uma vida boa essa do campo, apesar da labuta diária na lavoura. Mas os meninos precisavam estudar. E depois tinha a televisão que os fazia sonhar e exigir mais e mais coisas do pai. Assim a família veio para São Paulo. Sexta-feira, às vésperas do Ano Novo, Gualberto estava lá na seção de penhores da Caixa Econômica Federal.

— Nunca na minha vida precisei penhorar qualquer coisa. Estou fazendo isso com medo de passar vergonha — explicava, cheio de orgulho. Acontece que ele decidiu comprar uma televisão em cores nesse esquema de levar em dezembro e pagar só em janeiro. Acontece também que Gualberto, 50 anos, e sua mulher, Marlene, hoje vivem de vender roupas e não estão bem certos de que seus clientes, pessoas tão humildes quanto eles, vão poder pagar direitinho como combinaram. Para evitar o aborrecimento de chegar o dia do vencimento da prestação e não ter o dinheiro é que eles foram penhorar o velho (e muito valioso) cordão de ouro.

Precisavam de Cr\$ 96 mil mas só conseguiram Cr\$ 60 mil. “Está bom, já ajuda”, diz dona Marlene. E depois, completa ela, o lugar onde moram — rua Clemente Cunha Ferreira, em Poá — é muito perigoso, cheio de marginais.

— Vai que eles adivinham que temos essa jóia, que será de nós?

Alianças no prego

Acompanhado de três dos cinco netos, penhorando pela segunda vez as alianças de um casamento que já dura 27 anos, Artur Martins estava conformado.

— Compensa mais do que pedir dinheiro emprestado. Os juros estão tão altos.

Na primeira vez penhorou apenas as alianças de ouro. Mas as coisas fixaram tão difíceis que foi resgatá-las e colocou-as de novo no prego. Essas e mais duas de borda de prata, um total de quatro alianças. Recebeu Cr\$ 31.160,00. Tem um prazo de seis meses para resgatar suas jóias, pagando cerca de Cr\$ 38 mil.

Artur, paulistano nascido no Belém, 51 anos, mora na Cohab 1, em Itaquera. Recebe Cr\$ 157 mil de aposentadoria e ainda trabalha como autônomo na prefeitura enquanto sua mulher faz bonecas para vender. Em 1973 estava muito bem de vida, trabalhava como mecâni-

co de manutenção no metrô, tinha uma vida folgada, uma casinha em Santos onde passava quase todos os fins de semana. Ele procura justificar a tristeza de separar-se das alianças:

— Aqui é mais garantido e está rendendo alguma coisa. Eu não usava mesmo, a mulher é que sente.

A professora Irene Duarte da Silva veio com o marido de Pirapora do Bom Jesus confiante em que receberia um bom dinheiro pelo anel de brilhante que comprou em junho por Cr\$ 60 mil e outro, de ouro, que tem há seis anos:

— Sabe quanto eles queriam pagar pelas minhas jóias? Cr\$ 8 mil. Parece brincadeira.

Ela desistiu de empenhar, vai voltar a guardar os anéis na gaveta porque morre de medo de sair com eles “e ficar sem os dedos”.

Afeto não pesa

Essa decepção geralmente ocorre, segundo José Augusto Mazuco, assistente de Comunicação Social da CEF de São Paulo, porque as pessoas vão penhorar os seus objetos com uma expectativa muito grande:

— Muitas vezes são jóias antigas, de grande valor afetivo, mas em sua avaliação a Caixa leva em conta apenas o peso específico do material, não o trabalho artesanal, a antiguidade.

A grande vantagem da penhora na Caixa é a rapidez da operação. Levando a jóia (ou objeto) a empenhar, mais o CIC e a carteira de identidade, em 20 minutos obtém-se o empréstimo.

Em 1982 o movimento de penhora na CEF de São Paulo foi de 440 mil contratos. No ano passado, até novembro foram feitos 557 mil contratos no valor de Cr\$ 27 bilhões. A Caixa empresta até Cr\$ 4.244.220,00 por contrato em sua carteira de penhor por um prazo de seis meses renovável por igual período, sucessivamente. Os juros vão de 3 a 6% ao ano. Findos os seis meses a jóia pode ser resgatada. Caso o mutuário não atenda ao aviso de leilão, a jóia poderá ser leiloadada depois de 30 dias do vencimento da cautela.

Ainda assim, até três dias antes da data do leilão o mutuário poderá resgatar sua jóia. Se não tiver o dinheiro poderá renovar o contrato, mediante o pagamento apenas dos juros do contrato e da comissão de permanência. Tem ainda a opção de afastar a jóia do leilão por 25 dias, mediante o pagamento de uma taxa de 5% do valor do empréstimo. Entretanto, poucas jóias vão a leilão em relação ao número das empenhadas. O penhor apresenta apenas 0,2% de inadimplência.